



DAQUILO QUE É COLETIVO E ÍNTIMO

caderno do tcc por camila móra

CAMILA CORRÊA MORO

Daquilo que é coletivo e íntimo . caderno do tcc

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo como requisito à obtenção de grau de Bacharelado em Artes Cênicas com Habilitação em Atuação Teatral.

Orientadora - Profa. Doutora Sayonara Pereira

Co-Orientador - Prof. Doutor Eduardo Coutinho

SÃO PAULO

2021

as palavras foram se tornando, uma espécie de oração e um re-ligar com o que há de impalpável. elas são um caminho de volta ou em direção a. as palavras são tudo que a academia tem, e por mais que a tentem prender em palavras pequenas e retas ela não aceita, porque as palavras são revoltas. e no final, são elas o corpo da academia -c.m.

“a academia somos nós” - Sayonara Pereira

Agradecimentos,

É difícil agradecer, porque não há como traduzir em palavras. Então começo confiando que o não dito está também aqui. São tantas pessoas que fizeram tanto para que fosse possível...

Agradeço a Sayô pela generosidade e abertura, e ao Coutinho pela contínua criação de espaços de troca.

Agradeço a cada funcionária, técnica, professora e aluna, a cada uma das pessoas que contribuiu e contribui para que exista o departamento de artes cênicas. A turma de 2014 por tudo de melhor e pior que nos permitimos e pela sorte de viver o CAC juntas.

Agradeço a turma do TCC de 2020, por buscarmos coletivamente o que é esse gesto de pesquisar, Marina, Dionísio, Paula, Vinicius, Shaya, Nemuel, Felipe e Gabrielle em especial pelo retorno minucioso e essencial que fez do trabalho.

Agradeço à Madalena, Carlos, Carol e Beto por todos esses anos inventando nossa família apesar de tudo. À Branca pela presença constante.

Agradeço ao Renan pela amizade e pelas horas ao telefone discutindo e criando ideias.

Agradeço à Nina Ricci por compartilhar a vida, pelas artes produzidas para esse trabalho e pela disponibilidade de construir juntas a diagramação e toda composição visual.

Agradeço a tantas pessoas que tornaram a vida mais possível, este trabalho mais possível: Neide, Regina Corrêa, Victor Walles, Alice Máximo, Stephanie Teramae, Bianca Nuche, Wesley Rocha, Luiza Alves, Ana Bonetti, Lara Moro, Majori Magê, Fernando Moraes, Karina Acosta, Janice, Zé Walter, Stephania, Joana, Janaina, Sirlene, Jader, Gabriel, Volpon, Tatiana, Laura Haddad, Carlos Javkin, José Corrêa Dresler, ao Coletivo Seiva Bruta, à Coletiva Olivias, ao Núcleo de Dramaturgia Feminista. Juliana Fiebig, Auira, Alexandre, Ulisses, Beatriz Caprioli, Doroti, a toda família que recuperei e aquela que conheci. Agradeço também a você que lê e dá continuidade a essa travessia.

Agradeço a todas as mãos e vozes que escreveram também esse trabalho. A todas que seguem sustentando e criando a vida. A tudo que atravessa.

Sumário

tcc. gesto que se busca	6
o primeiro vômito. a primeira organização.	9
sobre os ovos que cresciam em mim.	15
silêncios.	18
metáforas são ideias fechadas em si .	24
Suspensão	32
deixa as palavras pensarem um pouco.	33
daquilo que é coletivo e íntimo.	40
da antropofagia dos heróis.	46
lembrar que isto é apenas pulsação elétrica.	48
um mito pra mim.	50
o gesto profético.	52
inconclusões.	55
palavras, frases e ideias soltas.	57
BIBLIOGRAFIA	61

tcc. gesto que se busca

Talvez essas páginas sejam em certo sentido cartografias, mapas de um corpo¹ arrasado, que, na tentativa de se delinear, acaba por revelar relações de tantas outras naturezas. São cartas topográficas, com picos, fissuras, planícies daquilo que é, habita o corpo em seus fenômenos físicos, biológicos, subjetivos, políticos e tantos outros.

No percurso dessa escrita vai se forjando um gesto partilha-provocação-lamento-raiva-inadequação-rebeldia-reflexão-afeto-dança-sonho-silêncio-umdesabar-umfluir-umdesenhar-umpesquisar.... isto, é um caderno de tessituras em trânsito, de gestos, alguns ainda incompletos. Uma busca da relação entre experiência e forma, *um jeito mais simples e nem um pouco adequado de dizer estética*. Como construir um gesto para dizer de uma experiência que me aconteceu mas que não por isso é minha? Em um mundo em que estamos áridos de experiências mas ao mesmo tempo saturados de histórias Pessoais e de individualismos, como compartilhar o caráter desestabilizador de uma experiência?

Se acordarmos entre nós, isso é teatro e o que se segue, uma sequência de cenas, estudos, experimentações, improvisos.. *eu* apenas existo na sua presença. Apenas você em seu fluir de palavras e virar de páginas aciona esse gesto. Então te convido a adentrar sem a pretensão de decifrar completamente o que quer que seja.

¹ *sim, o corpo que sou eu e você, e ainda assim nossa língua não tem palavras para exprimir essa complexidade. Por isso quando falo corpo nos parece que é algo externo, algo que nos pertence, mas corpo somos nós.*

O MAIS louco no teatro é que ele é vida.
Está ali pensando e se fazendo aos nos-
sos olhos.

Esse agrupamento, corpo-texto, é o rascunho, mas já é a obra², é ensaio, espetáculo, teoria, prática, forma, conteúdo, ou apenas um gesto que almeja a isto - *ah, a pretensão*. Um borrar de fronteiras que quer questionar esse mundo cindido em dois. Dar pauladas no dualismo - *as caixas* - que insiste em nos prender e que insistimos em sustentar, tão constituídas que estamos nessa perspectiva de mundo.



Como é uma pesquisa escrita por uma atriz? A atriz é aquela que encarna uma história que não é sua, que tenta transmitir algo ao vivê-lo em cena. O que faz com que a personagem seja também influenciada pela subjetividade da atriz. Dessa forma não sabemos mais se a atriz age o papel ou é ele quem a age. *Calma*. Sim, essa é uma atriz, uma possibilidade, mas me dei conta que a atriz aqui é aquela que atravessa e mobiliza coisas, universos, ela cria e crê no que cria - *e tantas coisas podem ser criadas...pensamentos, histórias, paisagens, partituras, cantos, dança, suspensão*. Não vou aqui limitar e muito menos definir o que seja atriz ou seu fazer, apenas abrir. e dizer, essa é a pesquisa de uma atriz, sim, essa palavra atriz é um forte chamado e, mais uma vez o atendo.

² O rascunho é a Obra - Kiffer, Ana 2017

OS CADERNOS TEM UMA CAPACIDADE
PROFÉTICA – ELA DISSE, POR ISSO CUIDA DO
 QUE ESCREVER. E SUA VOZ FICOU RESSOANDO
 NO QUE ME PARECEU MAIS UMA IDEIA BELA E
 ABSURDA...

– MAS VOLTEI PARA OLHAR ALGUMAS PROFECIAS
 QUE ME LANCEI



*eu não queria ver. mas sim ter visões. sim, que elas me tivessem.*³

³ em diálogo com reflexão tecida por Rúbia Vaz em um exercício dramaturgico para o Núcleo de Dramaturgia Feminista coordenado por Maria Giulia Pinheiro.

o primeiro vômito. a primeira organização.

Em um dia excessivamente claro olhei para o céu e vi. Não um ponto de Luz cegante, mas dois. Nesse dia começou minha pesquisa. Era um outro Sol aquele ponto? Como teria surgido no Céu outro Sol? Será que só eu o via? Os efeitos do excesso de radiação e de luz foram se fazendo notar. Trechos da pele se queimavam como que de dentro para fora, tecidos de meus órgãos também, o que gerava uma série de desconfortos. Os pelos caíam, falta de ar, o coração disparando. Ondas de calor que me tiravam do sério seguidas por um frio inexplicável, a comida com um sem gosto amargo férreo, o atordoamento gerado pelo mínimo estímulo tátil, sonoro ou visual. Mas tudo isso é muito pessoal e variável, como terá sido pra você?

Parcialmente cegada pela intensidade da luz, passei a ver novas formas, novas histórias. O escuro se revelou particularmente rico para meus olhos, meus sentidos. Isso estranhamente me levou a entrar em contato com uma outra, um outro mundo. Aí pude começar a subir o barranco rumo à escuridão, me afastar finalmente de toda aquela luz. O que significa aquela luz?

Nesse ponto eu desconfio que você já tenha se perdido. O que acontece é que tudo que narrei acima é real. Se passou no meu corpo e em tantos outros. Você já sentiu uma dor de tal forma dilacerante que entrou em transe? Por mais individual que pareça essa experiência, não deixo de ver o senso de coletividade que a impregna. Seja por ser algo vivido por tantas, seja pela capacidade que uma experiência tem de atravessar as pessoas. Mas principalmente porque o capitalismo insiste em nos ilhar e individualizar. Então sim, essa experiência lhe diz respeito.

O que vem a seguir são várias maneiras de dizer sobre uma mesma palavra. É uma fixação em dicionários, que dispara em mim uma série de relações - *danças*. Aqui vai:

Descobri que a regência desse Sol é câncer. Um câncer permanente, nos acordando na linha do horizonte. Câncer vem do grego *Karkinos*, caranguejo. Um artrópode que passa a vida entre água e terra. Na astrologia, símbolo das primeiras águas do mundo, é também o símbolo maternal, estando por isso associado à gestação, aos fetos, aos ovos, sementes e rebentos. Mas *Karkinos* foi também o nome que Hipócrates deu a uma doença muito antiga, o primeiro registro é de 2625 a.C. feito por um médico egípcio, “uma massa saliente... dura e fria ao tato. ”. Uma doença misteriosa, pois vem de dentro, uma pequena mutação numa célula e se inicia toda uma nova vida, colônias de vida em nossos corpos. *Você e eu nem podemos imaginar como essas minúsculas crescem e se replicam vorazmente.*

Essa doença *Karkinos*, brinca com um dos nossos desejos mais irrealis e profundos: o desejo de vencer a morte! Essa pequena célula ao se transformar, vence a morte que lhe foi primeiro reservada. Ela, à revelia de todas as tragédias gregas, escapa ao seu destino. *Não seria esse o sonho das fadadas a destinos sofríveis?* Mas aqui não seria diferente, em sua desmedida essas células acabam por encontrar o destino inicial sob circunstâncias diferentes.

Olho o Sol que vejo duplicado no céu. Ele, como nós, carrega sua própria morte. As pessoas parecem seguir suas vidas, mas para mim o mundo está em suspenso, *não existe isso de seguir num pretenso e absurdo novo normal, é preciso viver a derrota, o desespero e o luto.* Sinto essa pressão, algo que me empurra de dentro para fora, que me espreme. É assim que se sente nosso antigo sol? A eterna pressão interna da fusão de gases que o mantém vivo, *e por tabela nos mantém vivos.* Seus elementos em incansáveis fusões vão se tornando cada vez mais pesados, até o ponto de o comprimirem em uma grande explosão. Ele é um duplo de si mesmo.

Assim como eu. O peso que se acumulava e se alastrava dentro de mim, eu duplo, me impeliu a tudo isso. Pude olhar minha outra de frente. Essa pesquisa é a busca de contar isso a você, transmitir essa sensação de se sentir um pedaço de carne. *Mas leia com a boca cheia para entender melhor: UM PEDAÇO DE CARNE.* Estou coletando e organizando uma série de experiências e percepções, para contá-las, levá-las ao centro do palco e ver como eu reajo, como vocês reagem. Se gera alguma catarse. “Não seria

sua tarefa [da narradora] trabalhar a matéria prima da experiência – a sua e a dos outros – transformando-a num produto sólido, útil e único? ” (Benjamin, W. 1936)

A pergunta ecoa em mim, e me questiono como transformar a experiência de que falo. Se essa história que quero contar dessa forma é significativa para você, se te movimenta. Ainda assim, não usaria as palavras, “produto sólido, útil e único”, é mais um fluxo, potente ou desestabilizador, e afinal única, mas apenas enquanto algo singular.

A pesquisa é esse monólogo, em que vou falando comigo mesma na tentativa de falar com vocês. Tem essa mulher, é ela quem vai contar a história, *ela tem um senso de humor um tanto duvidoso*. Ela, assim como eu e acredito que você por alguns instantes, desistiu da vida. Algo perdeu o sentido, ou ela simplesmente se deu conta de que nunca houve um sentido, e foi aí que ela me fez ver o segundo Sol. *Evito falar essa expressão porque sei que cada vez que falo, toca uma música na sua cabeça.*

Mas ele de fato é o segundo, ao menos o segundo que notei. O que é quase um absurdo porque o Sol é essa coisa imensa. Talvez por isso eu, ela, se sentisse tão Afinal é impossível que ele não nos alterasse, ou ao mundo. Sem falar na reação que teriam as pessoas ao perceberem sua chegada. Essa questão me intriga de fato, as pessoas já o viram e mantém alguma naturalidade? Ou simplesmente não notaram nada?

Em certa medida a chegada desse Sol traz à tona diversas questões latentes, nossas e da sociedade, assim como esse vírus. Vamos imaginar que ele é a nossa sombra, que cresceu a tal ponto que não cabia mais num só corpo. Aquele duplo de que falei, *que na verdade está mais para múltiplos*. Mas não apenas o meu, o seu ou o dessa mulher, o duplo de uma sociedade doente - *afinal adoecemos fruto da sociedade, de seus funcionamentos absurdos*. Isso coloca a realidade em cheque, em revisão. É uma lente que nos permite ver de outra forma, perceber coisas que não notávamos.

Quero partilhar com vocês algo que estou chamando de sensível, como uma experiência. Algumas impressões que fui guardando desde que o sol chegou. Do dicionário sensível é “o que só pode ser compreendido pelos sentidos e não pela inteligência,

A DOA PERDEU TUDO.
CONTA A DOA AQUI NENHUMA VIDA É POSSÍVEL.

pela razão”. Será que a academia permite o sensível, ou já está presa demais às suas próprias regras? Talvez agora vocês entendam a dificuldade de dizer, pois se trata de algo da ordem do sentir, perceber. É algo que se comunicará mais com seus ossos, carnes e águas, do que com sua razão. *Engraçado como pouco nos comunicamos com a água, que é 70% de nós.*


Sinta a textura do que digo, a vibração, a sensação. Pouco importa o significado. Agora, a ínfima porcentagem racional do seu cérebro não importa. Isso é uma dança. Vê ? Como as palavras saltitam à sua volta? Isso é uma oração. Deixe brotar, deixe vir à flor da pele o que estiver latente. O seu desejo mais profundo já é quase real. Eu só estou a cantar para o Bode.

Agora sinto a pulsação do Sol, e sua fúria em mim. É um preenchimento intenso, a matéria não suporta. Por isso fica se reformulando do centro às beiradas. E minhas sinapses quando chegam até a língua já se refizeram em mil. O que falo nunca é o que falo. E o que você ouve ou lê também não. A dúvida. Isso é sobre plantá-la bem fundo.

Transmitir qualquer coisa de quase impalpável, que chegue a você esse frisson que me percorre. Tento te envolver com as palavras, inebriar.

Quero partilhar meu sensível, que é nosso e que na verdade não passa de um sensível. Esse encontro, se nós acordássemos, é teatro. As palavras em latência ganham vida neste instante, você as faz presente. E o risco está nesse encontro entre nós, na medida em que você reinventa e dá sentido a tudo isso e na medida em que esses gestos vão te atravessando. O dado de imprevisível que esse encontro tem. Vamos presenciar juntas um acontecimento, Vê? Isso é um ritual, eu trouxe a você uma perturbação, uma enfermidade, sendo ela sincera será o suficiente para que você mostre a sua. Aí começamos algo juntas. Uma experiência.

Será possível que nossa vida seja algo maior? E que ao contar sua vida, conte a minha e a de tantas pessoas? Será que esse sensível de que falo percorre de alguma forma a experiência de estar viva? Ainda conseguimos alcançar essa matéria fina que nos compõe, atravessa e conecta? Existe de fato o que seja pessoal, individual?



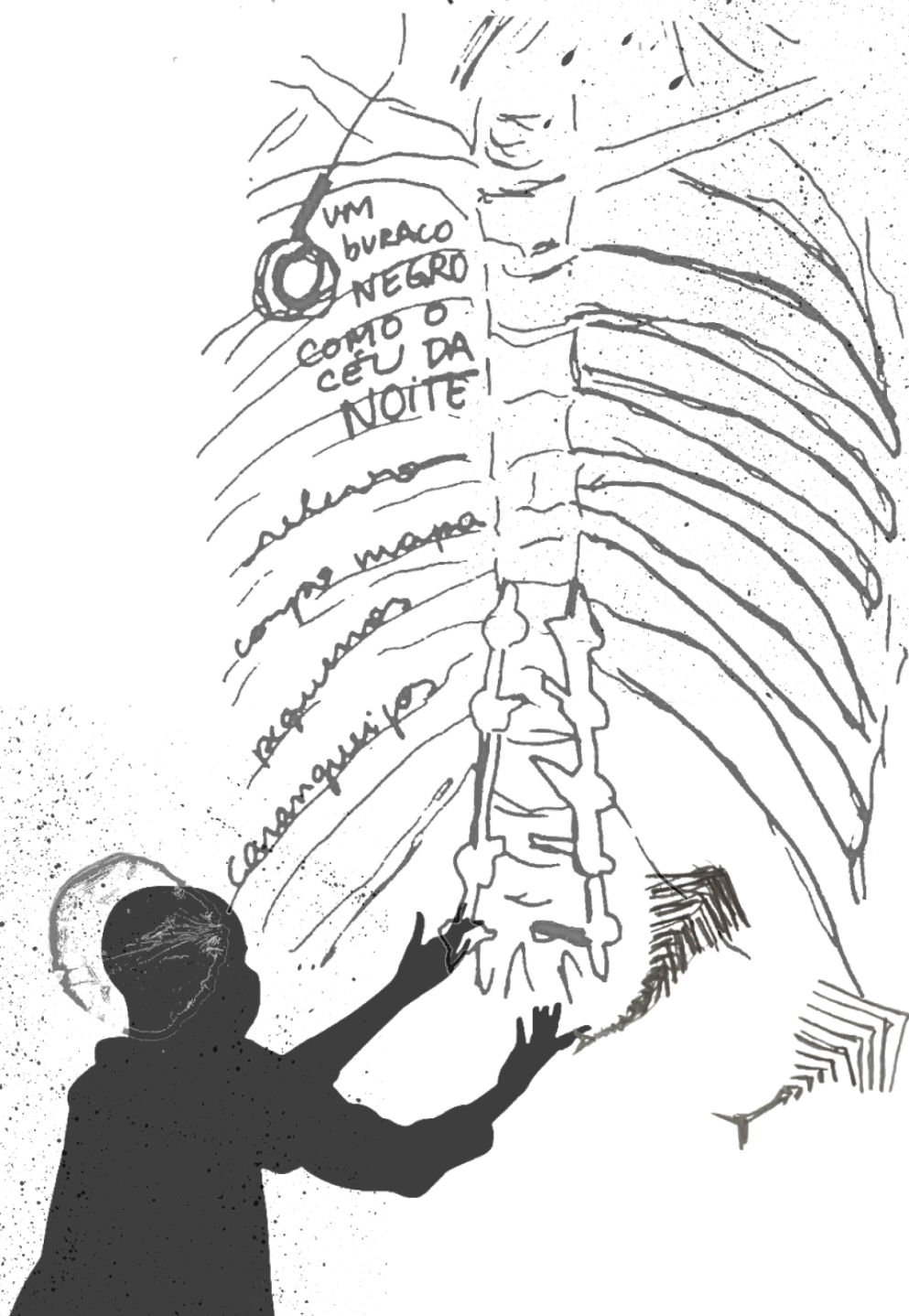
Isso que se estende por essas páginas, essa multidão de letras reunidas, é meu corpo.

DEIXARIA DE ME SER
E SERIA,

APENAS.

Nosso corpo
Nosso corpo
Nosso corpo

RESISTE
RESISTE
RESISTE



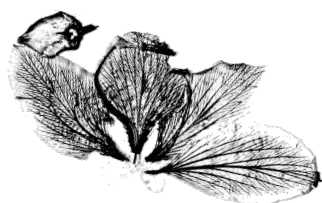
sobre os ovos que cresciam em mim.

a minha sorte foi que aqueles milhares de minúsculos caranguejos não saíram de seu buraco. Ficaram ali numa espécie de hibernação, crescendo e se multiplicando e causaram uma dor aguda de tal forma que foram descobertos. Quase como se as américas pressentindo o que se aproximava, num instinto de sobrevivência tremessem suas placas gerando um terrível tsunami. Causando danos a si, mas matando seus invasores. *Quem dera fossem as rochas mais reativas...* Mas, por ora, me limito a dizer do bando de caranguejos que habitavam o silêncio noturno de minhas vértebras.

por quanto tempo estiveram eles ali, alimentando-se de mim? *Caranguejo come carne de bicho morto.* Eu sendo bicho haveria de ter carne de bicho, foi dela que eles comeram, cresceram e se reproduziram... *Mas, minha carne estava morta?*

A reprodução deste animal envolve acasalamento, logo é sexuada, e eles botam ovos para que o nascimento dos filhotes seja possível, após os ovos eclodirem os recém-nascidos vão em direção a água e se tornam independentes dos seus pais. (GOOGLE, uma página qualquer, há muito tempo)

posso imaginar esses pequenos eclodindo dentro de mim, acho que na falta de mar iriam em direção do sangue. Essa água vermelha que mantém o corpo teso. Eles mergulhariam rumo a terras não desbravadas, aportariam no meu pulmão. Ali fundariam sua primeira colônia, crescendo e rumando a novas invasões. Esses pequenos BRANCOS de ambições brutais. *Caranguejos brancos nunca viram o Sol e por isso não sabem o gosto da vida.* Eles caminham bravamente em direção à morte porque a tomam por vida.



suas carapaças como cargas que eles levavam, do grego “*Onkos*”, mesmo termo usado para designar as máscaras da tragédia grega, denotando a carga psíquica de uma personagem. O fardo por ela

carregado, seu destino. Assim esses caranguejos iam levando suas carapaças feito prêmios pelo mundo, tolos que eram de não ver que a grande cova que cavavam era a própria.

estou dizendo aqui de uma coisa corriqueira. Esses caranguejos que invadiam e colonizavam meu corpo; são os mesmos caranguejos brancos que cruzaram o mar por crer que suas cascas eram marca distintiva.

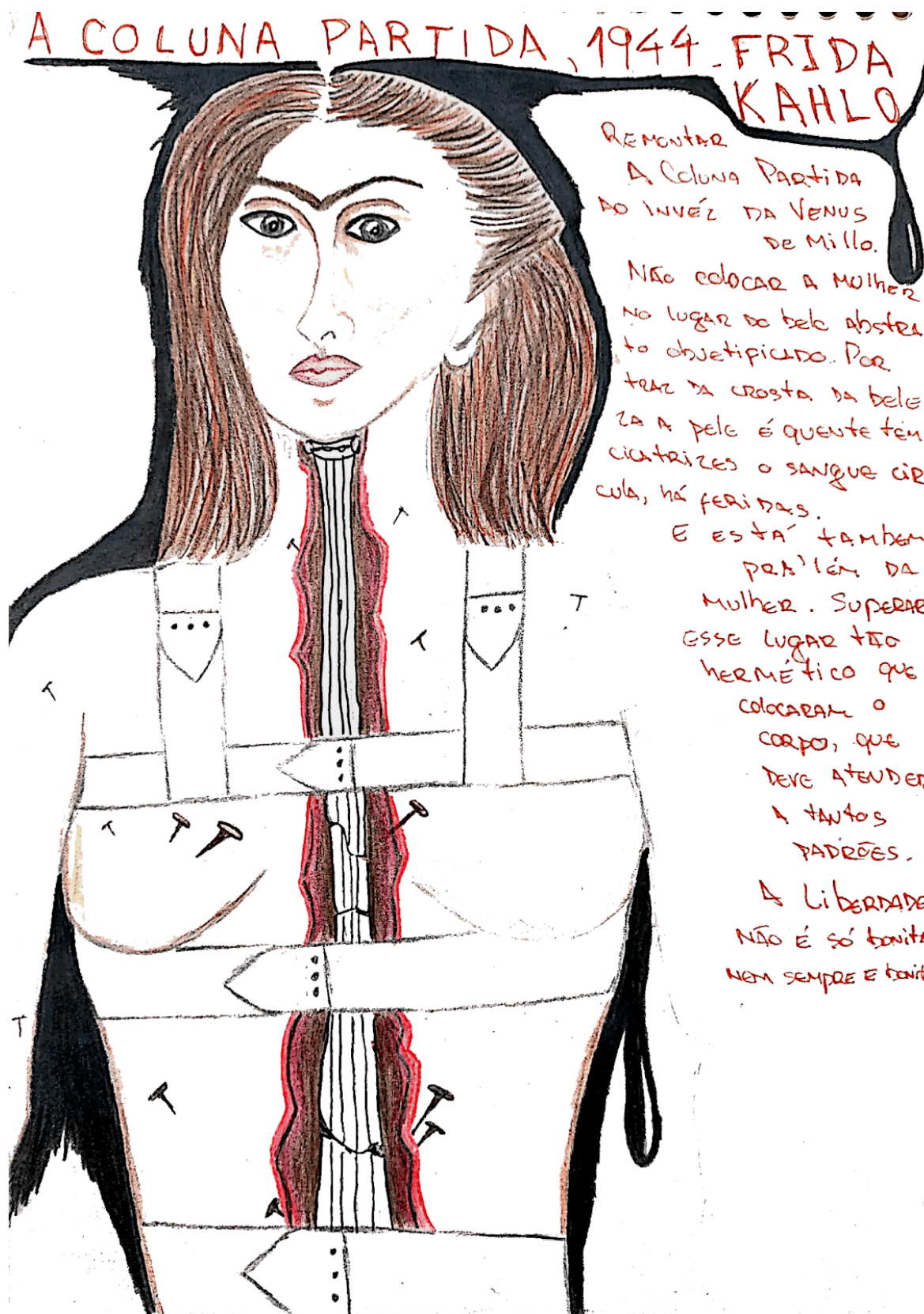
o triste dessa história é que, por mais enganados que eles estivessem, eles tinham máquinas e pólvora e muitos de seus filhos eram obedientes e cegos. Foi assim que ordas e ordas de caranguejos brancos saíram da pequena península asiática: Europa, fazendo feridas feito colônias.

e seus ovos se dispersaram e penetraram nas mais ínfimas estruturas. O branco de suas carapaças foi feito brasão, modelo e lei. E tantos anos depois cá estou eu contando tudo isso pra dizer dos ovos que cresciam em mim. Muito embora eu não os tivesse parido, eles eram, meus também. *Se nutriam de mim perfeitamente aconchegados sob o branco de minha pele...* É essa contradição que nos persegue de nutrirmos o que nos mata.

os ovos de caranguejos, que não são nada mais que ideias, supremacias de cor sobre cores, de genitália sobre genitálias, de desejo sobre desejos, nos foram deixados e, por mais que não os queiramos, continuamos a sustentá-los. Eles moram sob nossa pele, então somos eles. A não ser que os neguemos repetida e incessantemente. Para sempre.

são ovos de caranguejo branco se dispersando em feridas sobre terra.

esse caranguejo que nunca viu o Sol, tornou-se para si seu Sol. Um centro de gravidade orientando tudo ao seu redor, sistematizando capitalmente os recursos vivos e não vivos. É forte a necessidade que reconheçamos eles e nos reconheçamos neles. Pois sob nossas carapaças brancas se inscreve a herança do sangue nas mãos, branco é a cor que sempre se atualiza como genocida e exploradora.



91 anos depois ou apenas dois anos antes da coluna se partir - iniciávamos a pesquisa de uma peça, num ensaio me monto Frida.

(caderno da Iminência - entre agosto/setembro de 2016)

Seus Fios de Ouro⁴ de fato me levaram para abismos e uma lembrança de ter o corpo muito sujo. Mas enquanto seu testemunho ia me dando nós no estômago, passei a julgar o que eu almejava contar, diante do que ouvia você dizer página após página. Questionei muito a validade do que queria compartilhar, me pareceu que tinha tão pouco e não sabia muito bem aonde iria chegar ou o que queria com aquelas ideias, *ainda não sei ao certo o que quero com tudo isso, e no fundo talvez seja essa a parte de rebeldia (do dicionário: resistência, teimosia, não obedecer uma autoridade) que compõe a arte*. Mas isso me fez, enquanto lia suas palavras, ficar em busca do que era isso que seria meu testemunho. E como num insight veio Gilberto Gil e os medos da menina fitando o céu da noite “não tenho medo da morte, mas sim medo de morrer”.

De certa forma eu estive morrendo. Vivi uma dessas coisas que parecem ruins demais e talvez insuportáveis. A experiência da dor extrema é algo que ninguém quer para si. E o mais bizarro é que a revelia de nós, o nosso corpo resiste.

A REVELIA DE NÓS O NOSSO CORPO RESISTE

Eu atravessei um terrível, uma tortura intensa, e quase não posso acreditar que vivi aquilo. *As vezes é como se de fato não tivesse acontecido, mas as marcas estão lá*. Então talvez isso seja uma tentativa de vislumbrar o que essa experiência me trouxe do mundo, olhar os ângulos, recolher os cacos.

Eu passei dois anos me perguntando como as pessoas suportavam torturas. Enquanto lia depoimentos de sessões em que militares e médicos levavam todo tipo de pessoa ao limiar da dor e da sanidade mental em nome de seu suposto governo que vigorou por mais de 20 anos em nosso país - *a ditadura militar sangrenta ainda ferida em carne viva nesse corpo brasil*. Porque isso, assim como mortes dolorosas, sempre me pareceu algo terrível demais.

Algo impossível de viver. Mas durante trinta dias e mais eu vivi algo que não era possível, e durante aquelas noites eu imaginava os jovens no porão da ditadura

⁴ Fios de ouro no abismo - uma cartografia do abuso sexual infantil. (CAMARGO, Karina Acosta, 2019)

brasileira, e as mulheres queimadas, entre tantos outros fatos históricos e pessoas reais. Eu queria saber duas coisas: como eles suportaram e porque eles tiveram de suportar.

A segunda pergunta pode ter muitos desdobramentos, desde uma maldade intrínseca aos homens, a disputa por exercer poder, até as mais diversas explicações religiosas, “Deus escreve certo por linhas tortas” - que no fundo é outra verdade dita por um homem. Mas no meu caso não havia ligação alguma com ação do homem, apenas a aleatoriedade - *os zero vírgula zero tantos por cento na população mundial*.

Então eu, que jurei aos meus dez anos de idade que Deus não existia, perguntava a *ele(?)*⁵ por horas a fio enquanto meu corpo se retorcia: *Porque? Porque você fez um mundo tão ruim? Porque as pessoas sofrem tanto? Porque alguém deve sentir tanta dor?* Sem respostas Por isso é tão comum que mesmo os crentes se rebelem com Deus diante de algo terrível. Deus, se *ele* existir, não está ao alcance da nossa compreensão e de nossos valores. Deus não é algo que faça sentido, não é bom ou justo. Apenas é, o mundo apenas é. Abundante. Devastador.

A outra pergunta, o como?, é mais simples. Porque ninguém suporta, é impossível suportar. Não existe isso, não existe o você é forte, e se algum dia chegar a sua vez espero que alguém passe as noites em claro e desespero com você. Se eu estou viva agora é porque eu não suportei, algo se quebrou para sempre. Ninguém sabe a dimensão de uma dor antes de sentir, é de fato algo que excede a nossa compreensão.

“Porque você estuda tanto? Que segredo está procurando? A vida logo vai te revelar. Eu já sei tudo, sem precisar ler nem escrever. Não faz muito tempo, coisa de poucos dias atrás, eu era uma criança saracoteando por um mundo repleto de cores, de formas sólidas e tangíveis. Tudo era misterioso e havia algo oculto, e adivinhar o que era não passava de um jogo para mim. Se você soubesse como é terrível saber tão de repente. Como se um raio elucidasse o planeta. Agora eu vivo num mundo doloroso, transparente feito gelo; mas é como se eu tivesse aprendido tudo de uma vez, em poucos segundos. Minhas amigas, minhas companheiras viraram mulheres lentamente, eu envelheci em poucos instantes e agora é tudo ameno e lícido. Eu sei que não existe nada oculto, se houvesse eu veria [...] – Frida Khalo” (HERRERA, 2011, p. 99)

⁵ em meu sem sentido eu quis que um Deus paternal e lógico existisse e pudesse me salvar, que houvesse alguma explicação apenas mistério

Saber tão de repente até onde a vida pode nos levar é algo *doloroso, transparente feito gelo*. Mas a despeito de tudo, naqueles momentos eu me encontrava com pessoas, uma legião de pessoas que já haviam vivido um terrível. Eu olhava em seus olhos e perguntava como? *Apenas silêncio. Cumplicidade talvez*. Mas também um não dito nos olhos, *de tudo aquilo que foi SE DILACERAR*. Agora compreendo melhor o que é o olhar de pena. A pena pressupõe que a outra é menos que uma pessoa e, a ironia da pena, que tenta com todas as forças dizer que aquilo é algo do outro, é: todos nós temos o mesmo fim. Os caminhos mudam mas o destino é o mesmo, *a ruína*. “Nós que aqui estamos, por vós esperamos”, *eu quase ouço o coro de mortos a dizer, um coro que só aumenta todos os anos*. Às vezes me pergunto, se todo homem sentisse seu corpo dilacerar teria ainda a coragem de dilacerar um outro corpo? É tão fácil olhar e torná-los Outros, os quais não dizem respeito a nós, não são nossa responsabilidade.

Mas a resposta é sim, por pior que pareça, o homem é sempre capaz de dilacerar um outro, nossa memória é muito curta enquanto espécie. A própria idéia de ser humano foi criada assim. Krenak (2019, p.69) diz “ nós criamos essa abstração de unidade, o homem como medida das coisas, e saímos por aí atropelando tudo”, tudo que fossem os outros os não humanos os sub-humanos os sub-desenvolvidos. Não existe o homem e o humano se não existir tudo aquilo e aqueles que, por não o serem, são explorados por este.

É irônico que o grupo Humano que diz sustentar suas bandeiras de progresso-desenvolvimento-direitos humanos-sustentabilidade o faça sobre as ruínas que ele mesmo criou. Não queremos investimentos da Europa, queremos que cancelem e extornem a dívida externa, e que nos devolvam todo o ouro e lucro do extrativismo e das plantações. E, principalmente que indenizem cada pessoa pelos seus antepassados estuprados, escravizados, torturados, suicidados. desde os 12 anos quero saber: porque ainda não processamos a europa? Nós que não somos do primeiro mundo, que somos menos humanos que eles? E também queremos que os estados unidos nos indenizem pelo golpe

de 64.

MAIS...
A VIDA DO CORPO
NÃO É...
DO NÚCLEO
DO ESPANHA...
COMO POSSO...
COMO POSSO...
TUDO DO...
DE NOME...
E SE É...
MAIS QUE...
NÃO É...
É PRECISO...
É PRECISO...

Por que não fazer a reparação histórica a nível internacional?

(13/10/15)

Esqueci de escrever:

Procura-se : Métodos de esvaziamento

ou de DESSOTERRAMENTO

SENTIDO

0381483D

CAMILA CORREA MORO



Nasc: 29/08/1995

Porque ainda me assombra
o sonho de ser um auto tipo
de atriz? Estar em grandes
teatros lotados?

ADENAS.

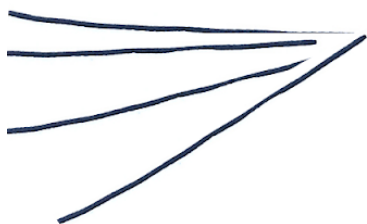
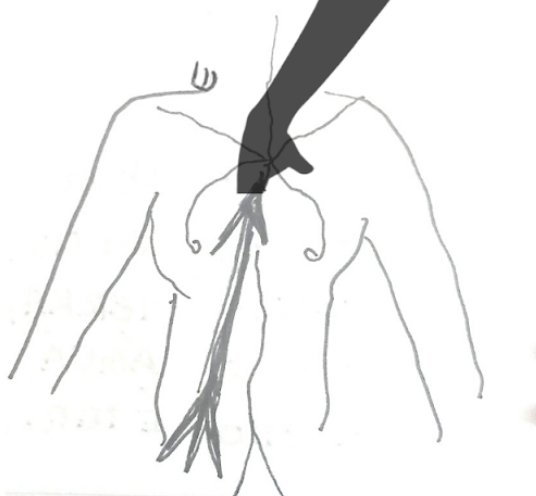
CORPO.

SOL CORPO LEMBRANÇAS MULHER
CORPO HISTÓRIA SOL COISAS
PALAVRAS NOME MULHER SOL
ESCRITA EM QUEDA LIVRE NÓS
CORPO EM QUEDA LIVRE
DIANTE DE TUDO QUE
O ATRAVESSA

SÉRIA,

SÉRIA,

VEJA BEM VEJA BEM VEJA BEM VEJA BEM



A poesia, por exemplo, habita dentro e fora, é algo que se faz dentro mas anseia por sair, é algo que vem de fora e inspira, expira.

A poesia habita os pulmões. Sai fazendo som.

O sentir é algo de dentro, por mais que se balance pelo que vem de fora ele é interno oscilante, circulante.

Sentir é sangue quente, variável, venoso e arterial.

O pensar, se retirar o (n) é pesar. O pesar das coisas, avaliar, escolher.
Quem pesa são as mãos, os gestos são pesares e pensares em movimento.

**A política é tudo aquilo que afeta,
e afeto se sente pela pele e pelo âmago.**

Mas ao mesmo tempo afetamos com os músculos, com ações, verbais, não verbais. Então a política é algo que sentimos através da pele circulando pelo sangue até o âmago, e é aquilo que fazemos com os membros, com a língua.

cá estou, articulando essa poesia interna e externa em meus pulmões, que abraçados por vasos se contaminam de sentir, produzindo sons, palavras me afetando pois nascem do que circulou em meu âmago, e vos afetando nesse gesto que os toca a pele, e pode vir a ser um soco no estômago ou apenas brisa macia e quente.

A poesia expandindo pulmões inunda de sentir o corpo que pesa os
afetos e responde gesto,

o movimento de pensar e pesar o mundo

metáforas são ideias fechadas em si.

Em seu livro “A Doença como Metáfora”, Susan Sontag expõe construções sociais feitas sobre a tuberculose e o câncer e reflete sobre as metáforas em torno dessas doenças. Li seu livro de maneira um pouco relutante afinal este trabalho constrói metáforas e, na primeira página me deparo com: “meu ponto de vista é que a doença não é uma metáfora e que a maneira mais honesta de encará-la (...) é aquela que esteja mais depurada de pensamentos metafóricos...”⁶.

Diante dessa colocação me vi desencorajada a prosseguir em meus vislumbres metafóricos que naquele ponto eram muito incipientes. De maneira um tanto inconsciente, ralentei a leitura de suas 107 páginas em mais de 10 meses, mas foi o suficiente para que conseguisse formular algumas imagens e ideias sobre a doença e, a partir de algo, dialogar.

Num âmbito individual, ao longo do livro nos deparamos com uma série de pressupostos feitos sobre essas doenças e seus doentes. Como a tuberculose atingir pessoas extremamente sensíveis e apaixonadas, uma doença de pessoas elevadas ou; o

⁶ A Doença como Metáfora. (SONTAG, Susan, 1984, p.7)

câncer atingir pessoas insensíveis, que guardam suas emoções, e acabam por se corroer com esses sentimentos. Diante dessas afirmações se constrói uma complexa rede que acaba por culpar o doente pela sua doença e responsabilizá-lo pela própria cura. Essa rede inclui a sociedade, familiares e profissionais da saúde.

Já em um âmbito social reflete sobre como as metáforas usadas para “descrever um fenômeno como um câncer são um incitamento à violência. O uso do câncer no discurso político estimula o fatalismo e justifica medidas severas” (SONTAG, 1984, p. 104). E ainda afirma que as metáforas do câncer têm um caráter genocida, pois, como já havia explicitado anteriormente no livro, todo o vocabulário usado para descrever o câncer e o tratamento são militares. Se trata de um invasor, que estabelece colônias e postos, e por isso deve ser atacado, bombardeado (radioterapia), receber uma guerra química (quimioterapia), sofrer uma intervenção (cirúrgica).

O CORPO É UMA PAISAGEM QUE SE DEVE EXPLORAR
EXPLORAR

Toda exposição de Sontag leva a uma reflexão sobre a que e a quem servem as metáforas. Quais os propósitos por trás de seus usos?⁷ Num âmbito social as metáforas podem servir a interesses políticos, a doença sempre associada a algo que ameaça uma “ordem” um poder e portanto a necessidade de combatê-la, extirpá-la para restabelecer a *saúde social*. Existe também um uso moral da doença, muito por conta de um imaginário que ganhamos - *ganhamos?* - dos europeus. Desde os gregos em Édipo⁸ com uma cidade castigada por uma peste, até um imaginário “Cristão” onde se repete essa associação da doença como um castigo. Isso num âmbito individual faz da doença reveladora de caráter, e gera um julgamento moral da pessoa que adoece, o estigma. Mas o que seria uma construção que não partisse da Moral ou da Política, mas sim da estética? E se ao invés de tornar a doença uma metáfora, que feche a todos num mesmo lugar, num mesmo imaginário ideológico, a tornamos algo mais aberto?

⁷ reflexão em diálogo com Rita Von Hunty no vídeo “doença como metáfora”, no canal Tempero Drag (Youtube)

⁸ Édipo Rei é uma peça do teatro grego antigo escrita por Sófocles por volta de 427 a.C.

Talvez se ao invés de metáforas elaborássemos linguagens. No intuito não de transmitir uma ideia pronta, mas sim de criar um diálogo que abarcasse a doença desnudada de toda essa construção social do que seja doença. Se fosse possível vê-la como uma experiência, algo que se vive, tanto quanto a satisfação ou o gozo. Como seria não depender de um discurso que defina a experiência? Não depender de um outro que explique o vivido? Claro que estamos imersos no imaginário dessas mesmas construções, que podem limitar e até mesmo definir os rumos do nosso pensamento, mas e se...

Pensar que a maneira como organizamos, dizemos, sentimos uma experiência implica no que é a própria experiência, é algo profundo. Pois aí se compreende nosso poder de inventar o que vivemos, e, nessa criação de nós mesmas, que é também criação de uma linguagem que permita essa expressão, entramos numa espécie de disputa. Não mais estaremos reféns de discursos que nos encerrem dentro de suas lógicas de dizer o mundo. A partir de uma linguagem estética deslocar uma experiência - *supostamente* - pessoal, para um nível social numa dimensão dos afetos.

Nas últimas páginas de seu livro, Sontag afirma: “uma vez eu escrevi no auge do desespero com a nossa intervenção no Vietnã, que “a raça branca é o câncer da história humana” (SONTAG, 1984, p.105) ”.

Entendo essa afirmação desesperada, seria tão simples se as pessoas brancas fossem a raiz de todo o problema e pudéssemos simplesmente extirpá-las. Mas este já é um pensamento que dualiza e simplifica,

SERIA TÃO MAIS SIMPLES UM ALGOZ QUE FOSSE MENOS MAL.

Se a frase fosse: a branquitude⁹ é o câncer da história humana, talvez fosse mais fácil concordar porque a doença nunca é alguém ou um grupo, por mais que queiramos. Ela é sempre uma ideia, um modo operante, um jeito de pensar. A doença é talvez a contradição da vida, sempre a tensionar seu fio a uma lâmina. Essa tensão pode produzir diversas coisas/discursos,

⁹ Branquitude aqui enquanto uma ideia, um "modus operandi" uma invenção, um sistema de socialização, algo que se performa socialmente.

- d e s l o c a m e n t o -

Não, **a doença não é uma ideia um modo operante ou um jeito de pensar, ela não é uma contradição da vida,** a frase, e na verdade o parágrafo, que escrevi alguns meses atrás tem de fato uma força poética, e talvez justamente por isso me atraiu tanto a ponto de não compreender o que de fato estava sendo dito. Mas ela (eu) não poderia estar em contradição maior com esses escritos. Como se a saúde fosse o bem e a doença fosse ao mal.

Todo esse pensamento, essa organização em dualidade está ultrapassada desde sempre, mas como ela se enraizou na nossa consciência é sempre uma luta - *contra as dualidades*. Por exemplo, inventamos o dia e a noite porque seria difícil compreendermos que luz e ausência de luz, sol, lua e todos os astros estão num mesmo espaço infinito, infinito é outra palavra que inventamos para nomear algo que não compreendemos. E por não compreendermos a doença e a morte as separamos da vida, as colocamos num campo do desconhecido, do injusto. Mas a doença e a morte são a vida em si, talvez partes da vida que fomos civilizados a recusar, e desprezar.

A doença e a morte não podem ser contraditórias à vida, justamente por serem intrínsecas umas às outras. No funcionamento do mundo não faz diferença entre um bicho vivo ou morto, é tudo matéria pó de alguma estrela que morreu em algum lugar. *Estrelas não morrem, elas apenas implodem.*

ESTRELAS NÃO MORREM
ELAS APENAS IMPLODEM

Então a quem serve essa oposição? Quem pode se beneficiar da ideia de que existe uma saúde que pode ser alcançada e cultivada através de mercadorias? Ou de que a saúde é melhor que a doença e por tanto as pessoas saudáveis melhores, mais produtivas e úteis que as doentes? *E quem no brasil tem acesso a essa saúde?* Como é possível estarmos engendrados num pensamento que nega a natureza do que somos, do que é próprio existir? Estar vivo é também a doença e a morte. Walter Benjamin fala de como nós ocidentais fomos nos separando da morte, que antes acontecia em casa, com o corpo morto velado na sala, sobre a mesa da cozinha. "Antes não havia uma só casa e quase nenhum quarto em que não tivesse morrido alguém"¹⁰. Hoje os espaços estão depurados da morte, quando chega a hora levam as pessoas pra morrer em hospitais e asilos. Ainda lembro de ter visto pela última vez a madrinha viva indo pro hospital.

E com as crianças não se pode mais falar da morte e nem contar o que de fato acontece no mundo, já que é tão horrível o que fizeram e fazemos do mundo. Desde pequena eu não podia dizer para as outras crianças o motivo de não comer *Outros* animais, porque seria terrível demais para elas. Depois entendi que esse é o grande segredo do mundo dos Humanos. Tudo o que tecnicamente não sabemos, não é nossa responsabilidade. Então, um soldado aperta um botão numa salinha do exército nos estados unidos da América, e envia um drone a uma escola que explode nos confins de um lugar qualquer e isso choca as pessoas por exatos cinco minutos durante o

¹⁰ BENJAMIN, Walter, 1994, p. 197-221

noticiário da noite. Nós somos também esse soldado que libera drones. Agindo de olhos meio vendados por supostas verdades, pelo culto aos *nossos* desejos, e da nossa Opinião - *porque raios todos querem ter opinião sobre tudo hoje?*

A cada pequena decisão-aquisição-gesto nós explodimos mundos distantes e não somos atingidos pelos destroços. Ao menos não de maneira óbvia, mas a crise ambiental-econômica-política-civilizacional toda ela - *inclusive a invenção dessa tecnologia de morte global SARS-CoV-2 o covid 19* - é feita das escolhas diárias por financiar um modelo de vida, por escolhermos ou não nos organizar politicamente.

E nós estamos nos organizando? Porque eles estão, eles sempre estiveram organizados. E eles sempre nos combateram como se fossemos uma super potência. Enquanto nós achamos que eles são apenas os tucanos ou os bolsomínions, que eles são apenas os estados unidos ou o capitalismo, mas não nos enganemos eles são a história da humanidade *porque eles inventaram a humanidade para tornarem-se os humanos detentores do que quer que fosse, do poder... sim o poder, poder escolher o que, e como algo será lembrado e contado, poder influenciar nos rumos da política internacional, eu sei lá. Apenas o poder...*

deslocamento

e u s o u eles. e u também sou
eles. eu também habito este eles. e todas as ideias
que compõem esse eles me habitam e atravessam. Sim,
às vezes seria mais simples se fosse possível

existir um nós e um eles. Mas eles, é uma
abstração, eles existem e não existem. Eles são
tantas ideias, desejos, morais, relações de
poder... que nos habitam e atravessam. Você já se
perguntou se seus desejos são de fato seus? OU
porque você deseja o que deseja? Porque ainda me
assombra o sonho de ser um certo tipo de atriz?
Estar em grandes teatros lotados?

✶ E PORQUE NOS ASSOMBRA TANTO NÃO DEIXAR RASTROS?
SERMOS NINGUÉNS?
~~PERQUE~~ POR QUE NOS ASSOMBRA O ESQUECIMENTO?



e



Suspensão

Hoje fez muito Sol e me voltaram lembranças frescas. o corpo cozinhando sobre os lençóis e a outra mulher, aquela que contaria uma história sobre um Sol que está pra chegar e a dificuldade de falar sobre as coisas. Ela já existe, já se diz em palavras e tem nome. Mas por algum motivo passei a achar que essa pesquisa não seria mais apenas sobre aquela mulher num flerte auto ficcional... Mas que seria, como já notaram, uma escrita com uma queda mais vertical e livre - *o corpo em queda diante de tanto mundo o corpo que atravessa e é atravessado*. escrevi sobre os caranguejos brancos que estavam em mim e continuam em nós, direcionando nossas ideias e desejos, e como disse Kopenawa, projetando toda experiência em mercadoria¹¹. São paisagens, territórios, mas sigamos...

¹¹ (KRENAK, Ailton, 2019, p. 45).

deixa as palavras pensarem um pouco.

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a tudo isso.(BONDÍA, 2002, p..21)

Faz um tempo já que escrever se tornou um gesto orgânico de inscrever meu corpo no mundo. É algo que brota como a fome ou outras necessidades básicas, mas

também é algo que se faz pelo prazer, como respirar profundamente, expandindo a barriga e as costelas. A escrita é como uma voz silenciosa retumbando nas coisas, afetando. Por mais que não ouçamos a escrita é uma voz. É uma via de dar vazão aos mundos que gestamos, imagens-histórias-sensações. A escrita é algo que implica o corpo no mundo, desenganando mais um pouco essa ideia do ser íntegro com uma subjetividade própria. A subjetividade está sempre se dilacerando, se tornando outra, em relação.

Ela é essa que sente de um lugar comum às outras pessoas humanas e não humanas, animais vegetais e minerais. *Não sei se vamos ter tempo de flunar nessa subjetividade dispersiva, pan. Talvez o mundo não espere por nós.* Essa espécie de dança da subjetividade vai gerando marcas, “estados vividos em nosso corpo no encontro com outros corpos, a diferença que nos arranca de nós mesmos e nos torna outros”¹². *quanto ainda estamos dispostas a sair de nós mesmos para experimentar o mundo?*

Por vezes sou apenas esse amontoado de palavras a me criar enquanto coisa que existe, enquanto mundo, atravessamentos. As palavras me cortando feito rios, correndo em fluxos mais ou menos encadeados. Às vezes confluindo em sentidos que se explicam ou querem explicar algo, e outras apenas dando corpo ao que pede passagem, defrontando o incompreensível que exige que se alargue um pouco mais as margens, que se crie mais espaço para existir, mais sentidos.

Os fluxos já estavam no mundo, pairavam, já foram vislumbrados e elaborados por outras, sonhos e desejos latentes e até mesmo linhas de raciocínio complexas, *as palavras acomodam muitos.* Nós nos tornamos canais disso tudo, reelaborando, “novas ideias não existem. Há apenas novas formas de fazê-las serem sentidas - de investigar como são sentidas...”¹³

As palavras fizeram algo de mim. *algo que pensei, fosse pra mim...*

¹² em Pensamento Corpo e Devir - Suely Rolnik, 1993

¹³ Lorde, Audre - “A Poesia não é um luxo”

Voz; Aquilo que sai da boca: saliva(1), SAN-
que (2) e em casos extremos, os dentes(3)

(caderno de tudo - setembro de 2020)

Eu sempre atrevessi a dor com grito
de poesia. A palavra escrita também gri-
ta. E talvez por a presenciarmos sozinhas
ela nos mobilize tanto, pois somos as úni-
cas ali p/ responder a esse grito.

Enquanto passei semanas e meses pros-
trada entre a cama e o sofá acreditando
do que não havia possíveis pra mim fora
daquele quarto, meu corpo tramava um
entrelaçado de sonhos, voz, imagens e senti-
dos p/ mim. Um mundo de ficção ciente
fui em que meu corpo meio ciborgue com
suas peças metálicas era mais possível.

E ele come frases ou fluxos de voz articulada
e ele foi deixando pistas

Até esse mundo do sol que chegou, da mulher
segunda ordem o sol está em câncer, da mulher
que não se mata, foi a apreensão feita
como frases ou fluxos de voz articulada
ta por meu corpo de tudo que já vivi

Esse mundo do sol que chegou, da mulher
que não gesta este mundo, foi a apreensão feita
ta por meu corpo de tudo que já vivi

Mas comecei a dimensionar nesse
gesto estético diante da vida, um gesto
que queria trazer questões, falar de mundos.

PALAVRA QUE AGE
PALAVRA QUE AGE
PALAVRA QUE AGE



E nessas horas apenas,

.Parece-me que essa é uma grande tarefa, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. Subverter o que pensamos ser, o que pensamos nos acontecer.- *e nada disso é sobre o “eu”, a ilusão de que o limite da pele nos torna identidade, autonomia,*

O texto é o corpo em movimento, é o gesto diante de. mas como o que vemos é a construção desse gesto desde antes de saber de tantas coisas ele é por vezes em falso e cambaleante. Isso tudo é a poética se fazendo, o gesto estético se buscando, o corpo como um todo em pesquisa de si, de seu gesto. cambaleio

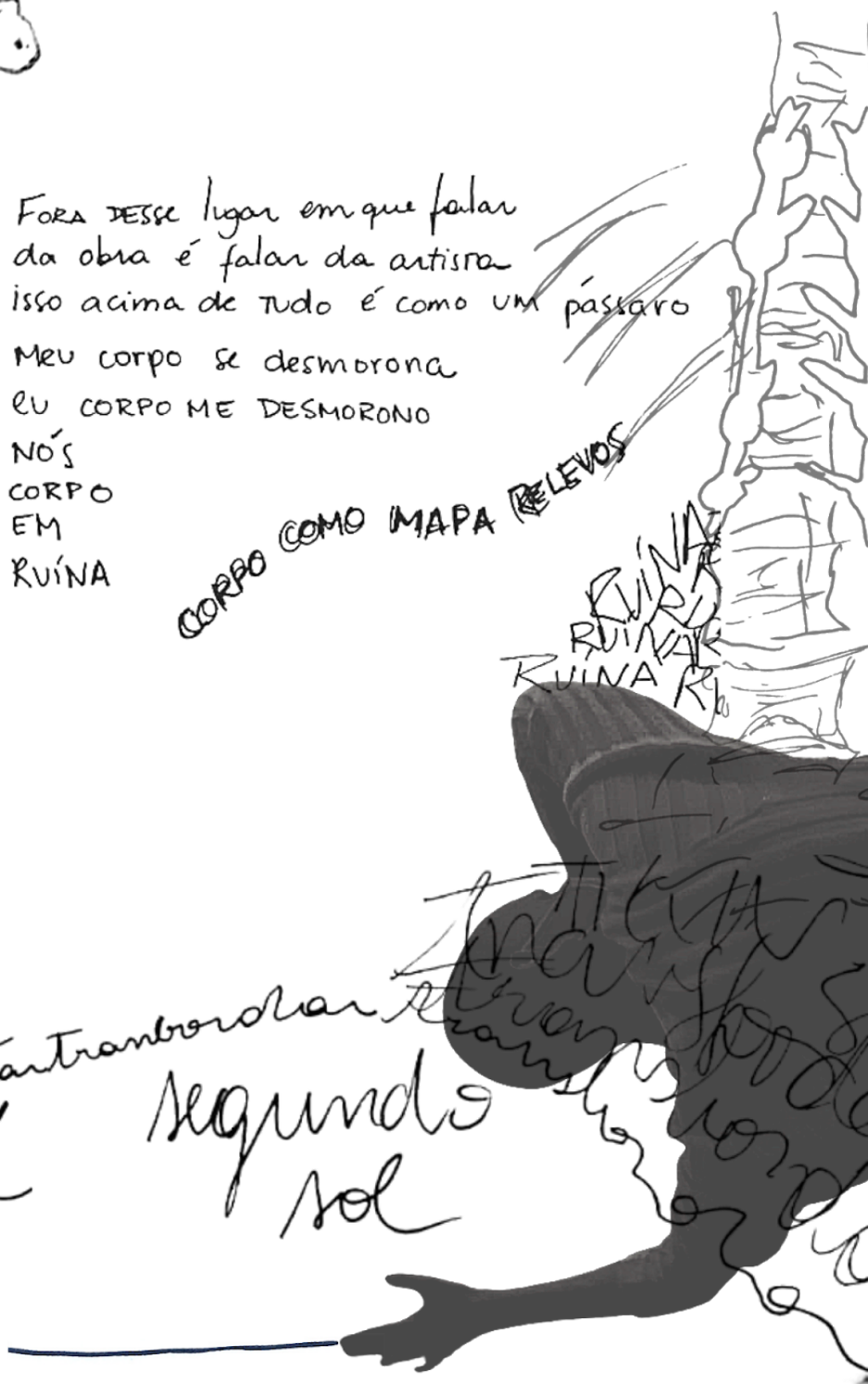


FORA DESSE LUGAR EM QUE FALAR
 DA OBRA É FALAR DA ARTISTA
 ISSO ACIMA DE TUDO É COMO UM PÁSSARO
 MEU CORPO SE DESMORONA
 EU CORPO ME DESMORONO
 NÓS
 CORPO
 EM
 RUÍNA

CORPO COMO MAPA RELEVOS

RUÍNA
 RUÍNA
 RUÍNA

céu
 transbordando
 sol
 segundo
 sol





Voltar à
consciência
foi
sem
dúvida
a coisa
mais
brutal
que
já vivi.

daquilo que é coletivo e íntimo.

Benjamin fala que “a autoridade da narração tem sua origem na mais autêntica autoridade do agonizante que abre e fecha atrás de nós a porta do verdadeiro desconhecido”. Me pergunto porque ele liga a narração à morte. A morte, o “encontro com o verdadeiro desconhecido”, por mais que todas encontrem esse desconhecido cada encontro é singular, a singularidade que surge do que é comum a todos. Se a matéria prima da narração é a experiência, então o que fundamenta a narração é a singularidade e não a universalidade da experiência, como tem sido feito. Essa busca por tudo que seja universal, a cura universal, a verdade universal, a moral, a história, o sistema civilizatório - *e ironicamente este trabalho, uma conclusão da Universidade: aquilo que tem a qualidade de [universal] o que é aplicável a todas as coisas.*

Não se trata de contar uma história objetiva e universal, mas justamente de “rememorar e recolher o passado esparso sem... assumir a forma obsoleta da narração mítica universal”¹⁴, mergulhar no que é singular e nesse duplo atravessamento, energizar e atualizar a narração. Escapar dos perigos da história única¹⁵. *É isso que nos passa, estamos perdendo a faculdade de contar (d)as pessoas com palavras e as contamos apenas com números.*

Cabe pontuar que essa singularidade não é “qualquer saber secreto e pessoal”¹⁶, não se trata de uma particularidade individual, “singular e impessoal se entrelaçam: o individual dá lugar a uma vida”¹⁷. Trata-se justamente de dar passagem a essa uma vida que, atravessando o que é comum a todos, traz um olhar singular. Narrar é criar algo coletivo e íntimo.

Esse esforço em explicitar o que seja o singular e diferenciá-lo do que seja pessoal, individual, é uma consequência do capitalismo,

¹⁴ Gagnebin - História e Narração em Walter Benjamin

¹⁵ O perigo da história única - Chimamanda Ngozi Adichie:

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt

¹⁶ idem.

¹⁷ Acosta, 2019. pág 52

VEJA BEM A ONDE NOS TROUXERAM OS UNIVERSALISMOS...

“para compensar a frieza e o anonimato sociais criados pela organização capitalista do trabalho, ela (burguesia) tenta recriar um pouco de calor... os valores individuais e privados substituem cada vez mais a crença em certezas coletivas... A história do si vai, pouco a pouco, preencher o papel deixado vago pela história comum... O indivíduo burguês, que sofre de uma espécie de despersonalização generalizada, tenta remediar este mal por uma apropriação pessoal e personalizada de tudo que lhe pertence... acessórios que deveriam sugerir uma intimidade que sumiu do mundo público”(Gagnebin, ano pág.59)

Esse processo, que Gagnebin analisa a partir dos escritos de Benjamin, acaba por suprimir a experiência enquanto travessia comum a todos, pela vivência, a trajetória individual, criando uma cisão entre público e privado que ainda muito nos ilude e confundindo a ideia de singularidade com particularidade. Se fortalece a ideia do indivíduo autônomo auto suficiente, o indivíduo enquanto unidade focado em sua trajetória pessoal. Mas existe uma abertura possível, para rachar essa invenção de indivíduo, a

“ampliação da dimensão social do sujeito que, renunciando à clausura tranquilizante, mas também à sufocação da particularidade individual, é atravessado pelas ondas de desejo, de revoltas, de desespero coletivos. Esta ampliação ao mesmo tempo política e filosófico-psicológica do conceito de sujeito me parece essencial para uma reflexão que tente pensar a nossa prática histórica...(Gagnebin, 2013. pág 75)

Uma maneira de evitar o “individualismo triunfante” que corrobora para o que seja universal, tão autocentrado que está em si. Desenganar essa ideia individual, sair do campo da vivência privada e ir pro campo da experiência coletiva.

Todo esse dizer que se desenhou ao longo deste caderno foi justamente querendo fugir dessa ideia que nos fecha em um âmbito privado. Foi justamente em busca do que fosse essa criação coletiva e íntima, “deixar a própria ferida lançar-se em uma direção imprevisível...uma narrativa que escapa à finalidade tradicional... “[...]uma narração nas ruínas da narrativa, uma transmissão entre os cacos de uma tradição em migalhas””(ACOSTA, 2019. pág 53)

Abre... Abre... Abre... Me Abre

Ao cruzar essas reflexões à análise que Ana Kiffer faz dos cadernos de Artaud¹⁸ surge a pergunta: que tipos de avanços narrativos seriam necessários para lidar com as transformações mediação da vida?

“ Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e explosões, o frágil e minúsculo corpo humano” (1985 - Benjamin, pág 198)

E o que pode esse “frágil e minúsculo corpo”, como ele seria capaz de processar e narrar esse mundo em que nada permaneceu inalterado? E por mais que Benjamin diga isso no contexto de um mundo entre duas grandes guerras e a perseguição nazista, não deixo de ver a força que essa imagem ainda tem, o mundo seguiu desabalado em transformações, a “técnica, que só faz crescer e transforma cada vez mais nossas vidas de maneira tão total e tão rápida que não conseguimos assimilar essas mudanças pela palavra.”(2013, Gagnebin, pág.59)

Artaud vive nesse mesmo mundo de Benjamin, *que nós seguimos vivendo, em um contínuo bombardeio de transformações*, e ele tem uma extensa criação em cadernos durante os anos em que fica internado em manicômios, e é justamente o tratamento dado a esses cadernos que interessa.

“Esse corpo desintegrando-se entre a doença – um câncer no reto, um ânus infestado – e a merda geral. Julgar sua palavra como sendo exclusivamente fruto de sua experiência pessoal equivale a dizer que todo fenômeno de incompreensão, ilegibilidade ou nonsense ou é puramente estético ou é loucura de um indivíduo.” (ano, Kiffer - pág _)

Isso me pega em tantos lugares. Primeiro essa operação de limitar algo ao âmbito da experiência, ou segundo Benjamin vivência pessoal, como se pessoal,o privado fosse algo que existe e não apenas um conceito que delimite na ânsia de controlar. *A que interessa a individualização das experiências?* Segundo, por o que não compreendemos no campo da loucura, essa negação do bicho em nós e do insano, e do sem pudor, e do terrível, da morte e da dor, do impalpável. É mais confortável fechar no campo da

¹⁸ em O Rascunho é a Obras: o caso dos cadernos

loucura e dizer que isso é algo daqueles que ultrapassam limiares, para apenas não reconhecer a contradição e tudo que não compreendemos nós. Por fim, o campo do puramente estético, na nossa sociedade essa é uma operação de manter apartado, “interessa assinalar aqui ... o exílio da prática estética em um domínio especializado, o que implicou que um certo plano dos processos de subjetivação ficasse confinado à experiência do artista.” O que seria a arte ou a estética simplesmente fazem parte do curso da vida, é intrínseco à experiência de estar vivo. Nós - de onde viemos - é que separamos toda uma dimensão da vida e a nomeamos arte, limitando-a apenas ao grupo de profissionais especializados, os artistas.

Todas essas classificações são um esforço por encaixar e explicar toda a profusão e os afetos complexos fomentados, ao invés de atravessá-los. Essa operação de fechar a experiência em âmbito do puramente estético-psicológico-individual-privado, é justamente uma operação para despotencializar a experiência, extirpar dela tudo que possivelmente reflita o coletivo, a sociedade, as dimensões de poder. Colocar bordas que a delimitem, tirando toda camada do impalpável, da desestabilização - *pessoas desestabilizadas são capazes de muito*.

Não tenho a pretensão de dizer que Artaud ou seus cadernos sejam a resposta pra pergunta que me fiz. Acredito que ela sempre foi respondida, sempre que narradoras precisaram reinventar, atualizar a narração, talvez Artaud também tenha feito isso. Mas o que quero ressaltar e Kiffer analisa isso ao longo de seu ensaio é como lidamos com o que não compreendemos, ou com o que não se apresenta dentro dos parâmetros reconhecidos.

VOCÊ JÁ SE PERGUNTOU
SE SEUS DESEJOS SÃO
DE FATO SEUS?



A REVELIA DE NÓS

da antropofagia dos heróis.

Os heróis estão de pele rota e já perderam a habilidade de nos fazer crer que podem salvar algo. E no mais já nos levaram ao limite, estamos construídas em absoluto sob o mito em que uma pessoa luta contra tudo e consegue. A boa e velha meritocracia. Já se perguntaram porque é tão forte a figura do herói?

Imagina se toda pessoa se sentisse apta a lutar pelo que quer que fosse? Seria o caos, e o poder do mundo estaria em grande perigo afinal qualquer um poderia querer um pedaço dele. Sim, por isso foi tão crucial para a sustentação de todo esse sistema econômico, político... que acreditássemos que precisamos de um herói. Afinal não é qualquer um que tem dentro de si algo de único e especial para ser um herói. um herói não é fruto de cultivo, cuidado ou trabalho. E, se você tem a menor dúvida, melhor se sentar e esperar que o verdadeiro herói virá te salvar. Afinal é isso que precisamos, ser salvos por alguém que possa mais, que saiba mais. é melhor sentar e esperar...

enquanto isso, o Sol brilha lá em cima. Imagino a cadência de suas explosões, o Sol se consumindo, eu me consumindo, e vocês se consumindo neste instante. No fim, as células se autofagocitam, é literalmente a antropofagia num nível molecular. Ela se come de dentro pra fora ou uma outra a come. Essa processo se tornou algo muito importante, pois sendo o Brasil um país que não é do primeiro mundo, nos engolem goela abaixo tudo que mandam pra cá. Mas ainda podemos digerir e vomitar.

Já estamos um tanto longe daquele valor antropofágico. Agora já há tempos a indústria agropecuária e as grandes corporações querem que absorvamos o pior para que desfrutemos de maneira mais plena dos avanços da indústria farmacêutica e da medicina. A não saúde é lucrativa, e por isso tão importante que a doença se uma oposição e ameaça a vida. E no limite nos confins celulares de meu corpo tudo se deu porque minhas células se esqueceram da antropofagia, elas se esqueceram de se autofagocitarem e foram, crescendo, crescendo. Vê que de novo volto ao problema dos caranguejos brancos e seus brasões e leis que foram pisoteando tantos saberes que já estavam aqui. Chamando de primitivo, canibal. Por isso às vezes precisamos vomitar, regurgitar o que não serve, *porque afinal já estamos digerindo tudo isso a muito tempo..*

Porque por que nos assombra o esquecimento?

E PORQUE

os meteoros mataram os
 ri quando a bruxa
 morri quando os pés
Eu morri quando a
 Eu morri quando a
 Eu morri quando a f
~~Eu~~ Morri quando a te
 rri quando a criança
 o tiro acertou. Quando
Quando o sonho aca
 do a muito tempo m
 chamam "eu" existir; e
 nunca para acho difí
 alguma vida. Talvez a
 e durar até o d
 Morne hoje pois
 r um passo. Ni
 so que daria fim
Hoje não me m
sigo contabilizando

lembrar que isto é apenas pulsação elétrica.

enquanto falo com vocês, eletricidade percorre meu corpo acionando as correntes de sódio-potássio-sódio-potássio-e-assim-vai. Tesa e vibrante a carne ordena as palavras, e seus sons para que sibilem aos seus ouvidos e no menor contato com suas correntes de sódio-potássio engaje vocês, mesmo que por puro desinteresse. É apenas isso que somos, energia vibrando, nossa vontade de fazer xixi e nossa sede, nossa dor de barriga e o calor são apenas partículas vibrando, tudo aquilo que achamos pensar, e tudo aquilo que achamos lembrar ou sonhar, tudo aquilo que pensamos ser, e.. tudo que inventamos que somos, apenas corrente elétrica, vibrações de elétrons girando em volta de prótons e nêutrons. Nós, um amontoado de células, e nossas células, um amontoado de moléculas que são nada mais que átomos, ínfimas partículas positivas, negativas e supostamente neutras. Elas, reunidas numa organização própria, somos nós. Essa menor parte do que somos, é mais feita de vazio do que de qualquer outra coisa, o que torna quase insano nosso ímpeto em explicar e justificar e provar as coisas, quase como se isso fosse preencher esse imenso vazio que somos. *quase numa necessidade de provar que somos. é quase absurdo que um vazio seja capaz de tanto sentir e atravessar-se - tinha alguma outra coisa que esqueci... Talvez um pedaço de carne)*

Por que não fluir esse vazio? abraçar também que os sentidos que encontramos são meio vazios, pois estão sempre prestes a se esvaziar. a não ser que os capturemos rápido, e registremos numa fotografia de palavras como essa, e mesmo assim, mesmo que possamos olhar e revisitar esses sentidos encontrados anos atrás não saberemos mais decifrá-los da mesma maneira, eles já serão outros assim como nós, também outras.

T E S I S

A Z

O CECIO NO PODER DAS PAL

PALAVAS, CREIO QUE FAZEMOS COISAS COISAS COM
 PALAVAS, QUE AS PALAVAS FAZEM COISAS CONOSCO



ON N E S T E S I S

NÃO MORREM
 IMPIODEM

NGEM QUE SE DEVE

UM ALGOZ QUE FOSSE APTOS

BEM A ... QUE TROUXERAM ... UNIVERSALI

um mito pra mim.

Kanserere, passava longas horas nessa terra. Com olhos de forasteiros observando esse mundo e suas criaturas, rodando em círculos, perdidas em labirintos, sem poder ver além. Num dia limpo de sol caminhou até gastar completamente as solas, tentava se desfazer de tantas imagens presas em seus olhos. Exausta sentou no chão e fitou compenetrada. A terra para onde olhava foi perdendo as cores e cedendo. Um buraco denso como céu da noite foi se abrindo e Kanserere, cada vez mais atormentada e atraída pelo estranho céu que se abria a seus pés, não podia despregar os olhos. Cavalos de vento trouxeram a ela mensagens de sua mãe, aves paravam no topo de árvores próximas e cantavam seu nome.

Kanserere

Kanserere

Kanserere

Prostrada, depois de 8 dias a fitar ininterruptamente, ela já havia recolhido cegamente as pequenas frutas e flores que suas mãos alcançavam. Agora arrancava a grama, e até pequenos insetos. Seus olhos castanhos feito o tronco das mangueiras iam ganhando tons densos de escuro celeste e a ponta de seus dedos e unhas também. No negro daquele céu retornavam sem fim todos os atos do mundo, ao que já foram, ao que são, e ao que ainda serão. Numa espécie de procissão circular, acontecimento atrás de acontecimento, ato atrás de ato atrás de ato atrás de ato... ato, ato.. o infinito que se estende do início ao fim.

Kanserere

Kanserere

Kanserere

O girar do mundo se acelerando diante e dentro de seus olhos, acelerando seu sangue numa lentidão urgente. Seu coração paralisado em batidas aceleradas. Cada vez mais celeste sua cor. Dizem que quem muito olha um abismo é por ele olhado. É uma paixão noturna, dessas que devoram o corpo e a alma. Já era tarde demais quando sua mãe a encontrou depois do décimo segundo dia. Kanserêre estava além de mortais e deuses. Uma criatura cósmica, integrada ao céu da noite que se estende pelos abismos incrustados pela terra, pelos corpos.

c o n s t e l a ç ã o , eles dizem. como pequenos sóis. pedaços do que já fora um **s o l**



o gesto profético.

O que tem nesse gesto profético a que chegamos?

Primeiro preciso sair de um lugar comum pra conseguir me relacionar com essa ideia. ele não é a simples capacidade de dizer o futuro, não, isso é muito um reducionismo ocidentalóide. A profecia é muito mais sobre como performamos um dizer, e como nos afetamos por esse dizer. A profecia é muito mais sobre negar habitar um tempo que está entre passado estático e um futuro incerto, e conseguir habitar esse instante, sem começo ou fim, em que é possível articular dar a ver os movimentos que seguem agindo na sombra e os que se antecipam. Esse instante que, quando habitado, nos dá acesso ao fluxo contínuo e caótico de tudo, em que vemos esses possíveis e porvires de que tanto se tem falado. Eles habitam esse sem tempo do instante pois sempre são palpáveis.

A pergunta é: **POR QUE NÃO OS APALPAMOS??** Tão presas que estamos a noção de tempo linear, como se caminhássemos numa linha sem volta ou saltos, sempre nos distanciando de uma ponta a outra. Quando na verdade estamos dando voltas e voltas, e estão todas vivas as que já morreram e as que ainda nem se integraram. É complexo mesmo para nossas cabeças tão pequenas, presas na ideia de que somos seres tão brilhantes-foda-topzeira, mas uma planta que solta brotos vai morrendo e seguindo viva ao mesmo tempo. enquanto nós estamos presas a ideia narcísica de que a morte é o fim, pois não podemos conceber um mundo sem nós.

Então um dos gestos proféticos aqui é, convocar essas vozes que supostamente se foram; dizer tudo isso com a certeza de que eu também me fui e nem se quer fui feita; e chamar as que virão. Sim, ainda preciso me amparar em conceitos duais pra construir uma ideia que tente justamente rasgar esse dual - é o tamanho da

nossa contradição, da nossa falta de palavras e da nossa necessidade absurda de rasgar e recriar e inventar paradigmas.

(já não sei se nada disso faz o menor sentido....)

P R O F E T I Z A R É UM GESTO DE ESTESIA DIANTE DO MUNDO

Que lança um afeto sem nenhuma gota de anestesia para que a experiência não seja podada ou domesticada pelo quanto querem que vivamos, sintamos, (outros). e isso é uma operação simples e complexa, pois já estamos a tal ponto mergulhadas e acreditadas nesta ficção absolutamente complexa e envolvente, que é quase impossível olhar pro céu e ver que não existe céu, e ver que o azul é uma ilusão. e que o tempo é uma ilusão, e todos os papéis sociais que passamos a vida interpretando, são ilusões.

é muito difícil chegar ao ponto em que você me veja fluxo de palavras emaranhadas andando a sua volta ou que compreenda que você está aqui escrevendo são vocês que me inventam e dizem nesse instante E desde antes já retumbava aí essa proliferação toda Essa peste uma saudação a artaud profecia que retumba e re-tumba rrrre - t.UUM -ba Não não vamos aqui reperformatar ele é apenas um acenar



(até onde foi o fluxo, até onde chegaria? a que ele pretende? impossível dizer, é engraçado mas é a sensação de canal mesmo, quando isso acontece não posso estar se não no computador porque apenas aqui as palavras se escrevem quase na velocidade do pensamento - *criação*, o que permite uma espécie de não pensar, da onde surgiu muitos dos escritos. agora paro porque uma pontada de fome me faz lembrar que a queimação desta manhã pode se rebelar, de novo, e hoje percebi que sou muito suscetível a dores de estômago, elas me levam a um estranho mas conhecido desespero, e mesmo assim sigo escrevendo porque há algo acionado que é difícil abandonar, a sensação tranquila de que as palavras virão umas depois das outras, num encadeamento sutil, meia noite e trinta e quatro. é sempre a noite que se dão esses escoares)

inconclusões.



jamais.



○ que eu ia dizer ?

Ésta difícil registrar o que tem sido/é
esse processo.

É angustiante por vezes e, apesar de te
não saber o que estamos pesquisando.

Dá aquela vontade louca de chamar alguém
de fora um guia, um herói, um salva vidas.

Tipo na vida né ?! A gente sempre
querendo alguém.



afinal onde chegamos? Foi possível atuar nessa plataforma? O que foi criado? Dizem que para pesquisar, precisamos de perguntas ou que pra entrar em cena precisamos de perguntas, mas quando isso começou eu tinha apenas uma sensação . Só agora encontro algumas perguntas que poderiam ter sido precursoras:

Como compartilhar o caráter desestabilizador de uma experiência?

Como fazer teatro neste agora?

Como criar linguagens que deem conta da vida?

Como narrar algo coletivo e íntimo?

Como re-habitar (me) corpo?

Como fugir do que seja pessoal, particular, individual?

Como criar rachaduras estéticas nas grandes verdades, histórias...?

Como buscar a fluência do caderno no corpo em ensaio?

Como a sala de ensaio também pode ser um caderno?

Como seria transbordar esta pesquisa para outro “suporte”?

Só agora também, começo a compreender em quantos pontos este trabalho convoca outros trabalhos, e como devem se repetir caminhos que já foram intuídos, experimentados e construídos por tantas outras. Mas justamente por ter começado a construir algo, agora tenho como dialogar, procurar essas outras vozes e expandir o que apenas começou a despontar. Buscar sustentação e parceria, inspiração nessas vozes, de pensadoras/pesquisadoras e artistas - *que ainda não sei ao certo quem são* - para tentar entender: como continuar a desdobrar e principalmente, o que estive meio às cegas desdobrando ao longo deste trabalho.

e porque um caderno não tem fim,

sempre restam as

palavras, frases e ideias soltas.

Texto limbo do Agamben em que discute a *dualidade*.

Filosofia contemporânea fala de vidência.

Habitar um tempo que não é *dual*

- a artista que habita esse tempo não *dual*, está no f l u x o

Como **Artaud** consegue falar de coisas tão atuais? Não é porque ele está a frente de seu tempo, mas sim porque ele não habita num tempo *dual* e por isso ele já se relaciona com

o trabalho é um tratamento, uma cirurgia sem anestesia.

- como refazer a cirurgia sem anestesia?

anestesia social?

anestesia nada mais é que desligar algumas coisas, pô-las na sombra, para sentir - apenas - outras. a **estética** é justamente um movimento de **sentir**, reconectar todas aquelas **pontes** de sódio-potássio pra que nenhum **estímulo** seja interrompido. pra que toda eletricidade **corra**. e..., habitar nessa **profusão** do que quer que seja, **aceitá-la** em sua .. .

Profecia enquanto defesa de:

a saúde fora da noção *dual* o que leva a doença a ser algo que não uma
AMEAÇA À VIDA

A arte, pensar a ação fora da *dualidade*

a arte tem que ficar presa entre
realidade e ficção?!

Fora desse lugar em que falar da obra é falar da artista.

E a política, fora da relação *dual* –

fora do nós contra eles,
fora do eu e o outro,
uma micropolítica.

O poder enquanto algo que flui.

A grande *dualidade* é identidade (afirmar o eu) e alteridade (afirmar o outro) –

[O eu que vale a pena é o que tem o
poder e o outro, é o território outro]

Como a profecia desestabiliza todos esses campos?

como ela acaba por borrar e misturar essas coisas? O que é uma ação profética?

e isso acima é como um pássaro fora da dualidade olhando.
esse pensamento profético é um olhar sobrevoante ao trabalho.

É uma questão da nossa limitação de perspectiva.

HUMANO FOI UMA INVENÇÃO PARA DIZER O QUE NÃO ERA HUMANO

. Escrever-me é como crescer pelo mundo, é como deixar marcas por onde meu corpo não chega. É que isso que dizem "eu" é tão pequena, não caibo.

Agamben:

ser uma pensadora contemporânea é pensar de maneira extemporaneamente, fora do tempo. pensar um tempo fora da relação dual passado e futuro, é como pensar que alguns fatos estão iluminados e outros estão nas sombras. (exemplo: acreditar que a ditadura está no passado é dizer que ela está na sombra, que ela não opera mais. Estar na sombra é mais sobre não percebermos uma agência)

... a ciência e a arte tão próximas em seus saltos, buscando algo que não vêem, algo que apenas vislumbra, mas uma tem o peso de uma morte vida a outra tem o da vida morte. sonhos.

torná-la uma dimensão da existência de todos e de qualquer um, fazendo da vida uma obra de arte. - Suely Rolnik

O que pode o corpo?

. A ideia da atriz que domina o próprio corpo, que controla o próprio corpo.

Agora tenho pensado quais corpos cabem nesses discursos?

Estar dentro do padrão nos permite não ter que olhar para ele.

Mas percebe como o abismo é ainda tão grande? Que tipo de corpo é esse que queremos ter e treinar? E esse treinamento, esse pensamento de corpo está fundado em que?

como a atriz poderia entrar em cena se não sabia mais como
caminhar?

agora tudo escorre pelo ralo. diante deles meu corpo se desmorona
eu corpo me desmorono
nós corpo em ruína

construir este lugar de teatro de atriz *em seja possível estar.*

como reabilitar-se? como re-habitarmos?

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. **O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre literatura e história da cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221

CAMARGO, Karina Acosta. **Fios de Ouro no Abismo - uma cartografia do abuso sexual infantil.** São Paulo: Benjamin Editorial, 2019

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Não contar mais?. História e Narração em Walter Benjamin.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

KIFFER, Ana. **O rascunho como obra: o caso dos cadernos.** estudos de literatura brasileira contemporânea, n. 55, p. 95-118, set./dez. 2018.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUKHERJEE, Siddhartha. **O Imperador de todos os Males.** São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ROLNIK, Suely. **Pensamento Corpo e Devir.** São Paulo: Cadernos de Subjetividade, v.1 n.2: 241-251. 1993.

